

# Apresentação

Caros leitores,

sob o sétimo ano e número, lançamos *A Palo Seco* em 2015, mantendo sua intenção de diálogo entre a literatura e a filosofia; diálogo este abafado pelos estudos autonomistas que cunharam o termo literariedade e a ele se restringiram, passando ao largo da vida e dos diversos conhecimentos movimentados na literatura - dentre eles, o seu duplo des(igual): a filosofia. Passados os tempos formalistas, os estudos da literatura recuperam seu espaço de acolhida, trabalho e recriação de conhecimentos.

São vários os temas que se pontilham ao longo deste número, alguns sutis e outros mais visíveis e urgentes, tais como aquele do gênio (artista) abordado em Faulker, e retornado no segundo artigo sob a perspectiva de Mill e sua manifestação em Wilde. Ainda em Faulkner, temos o tema da viagem, anti-heroica, rumo ao nada, que terá prosseguimento no artigo sobre Kundera – uma viagem de volta à casa, que revela a distância e desconhecimento no reencontro. A viagem de Suassuna em uma colheita de culturas e mundos diversos, transformados, recriados com a liberdade possibilitada pela literatura. Viagem homérica em regresso feliz, viagem de Aristófanes de encontro ao mundo (inicialmente) idílico. Por fim, dois artigos tratando de noções que nos frequentam e que já se apresentam na Antiguidade: a vida e sua relação entre sorte e ação humana.

O primeiro artigo desta edição, *Darl, o homem de gênio em Faulkner*, de Leila de Almeida Barros e Luciana Brito, elucida aspectos de *Enquanto Agonizo* sob a perspectiva da noção schopenhaueriana de gênio. Nas experimentações ficcionais, com sua multiplicidade de narradores, agarrados cada um às suas realidades imediatas e impensadas, destaca-se uma personagem, Darl, distanciada dessas realidades e, assim, apta a retirar o véu que acoberta a realidade última do conhecimento. As autoras fazem um paralelo entre ele e o homem de gênio, no entanto, se se estabelece essa aproximação, ela não se sustentará em toda a sua extensão. Se o distanciamento é o móvel para se atingir a dimensão estética, segundo Schopenhauer, em Faulkner, esta será abortada frente ao contexto hostil e instável do sul dos Estados Unidos, espaço de *Enquanto Agonizo*, dilacerada entre um passado idílico e um presente deste afastado, e provocado pela modernização social. O conhecimento da personagem não é comunicável nesse contexto, como o é na noção de gênio de Schopenhauer, e retira-se em um solipsismo agonizante traduzido na incomunicabilidade da loucura.

Ainda sobre o distanciamento crítico como condição de alcance da dimensão estética, apresenta-se o segundo artigo. Desta vez, em uma abordagem comparatista que sublinha, a partir da noção de liberdade individual cunhada por John Stuart Mill, a independência e autonomia aos costumes como condições desse distanciamento. A ideia lançada por Mill, da qual a vida humana deve ser o objeto do esforço artístico, é objeto de um estudo comparativo de nosso segundo autor, Gustavo Hessmann Dalaqua. Em sua abordagem comparativa, ele observa a expansão e cumprimento do pensamento de Mill na noção de dandismo de Oscar Wilde, no “cumprimento desviante do costume” (distanciamento crítico) cuja finalidade é a estetização da existência. Dalaqua constrói sua argumentação de Wilde leitor de Mill, observando as evidências textuais, como também as similaridades entre os conceitos de liberdade entre ambos.

Em *Idílio e memória nos escritos kunderianos*, Eliana Pires Rocha analisa nos romances de Milan Kundera, sob a perspectiva filosófica e política, a incidência da ideologia opressora de base stalinista da antiga Tchecoslováquia na construção da identidade dos indivíduos. Como ideologia, sua pretensão é a da universalidade, que, em sua forma aparentemente positiva – aparentemente, pois em um emprego instrumental – é produtora de um sentimento de idílio: espaço ilusoriamente livre de contradições suscitando a “lírica unitária da experiência, da comunidade” apaziguada. Em sua forma negativa, ela é incompatível com o livre pensamento do artista, e contrário à natureza ontológica do romance. A essas duas formas que adquirem a universalidade, e também aos fatos da história, Kundera opõe, lembra Rocha, a relatividade existencial de seus personagens, abalando a pretensa sociedade imune a controvérsias, embaladas pelo idílio. A autora, em dois romances do escritor tcheco, *A brincadeira* e *A ignorância*, observa a conjuntura histórico-política na qual se desenrola as narrativas, trata dos temas do exílio, da memória, e da impossibilidade desse idílio associado à ideologia – no caso, a stalinista. Contudo, pretende Kundera, que a história seja, em seus romances, compreendida e analisada, não como um dado factual, mas sim como circunstância existencialmente reveladora para o homem. Tempo e memória, nos romances em questão, são analisados por Rocha sob o viés filosófico, ao revelar a última em sua reelaboração e atualização constante do passado, a partir do presente.

Transpondo o destino da personagem de Faulkner, apresenta-se o quarto artigo, *Quaderna, a mestiçaria brasileira encarnada*, de Tereza Pereira do Carmo, no qual será evanescida a complexa dicotomia (?) ficção/realidade em uma feliz mestiçagem literária, como apresentada em *O Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do Sangue do vai-e-volta* de Ariano Suassuna. Empregando os recursos da poética clássica e medieval, com elementos espaciais, temporais e históricos contemporâneos, o autor constrói um reino encantado, com a personagem Quaderna, assegurando à literatura a livre experiência da aventura. Quaderna, assinala a autora, é um desdobramento do Suassuna professor, teórico e escritor. Através de suas metamorfoses evocadoras de heróis e mitos passados, a personagem assume a função de criador de uma alegre e híbrida ficção. Essa personagem trava um colóquio com a tradição literária (escritores, teóricos e autores), objetivando superá-la na edificação de uma obra intitulada por ele mesmo “Gênio da Raça”. Suassuna constrói, misturando a tradição literária antiga e medieval com a brasileira, um Édipo brasileiro. Em um ato mimético, a autora põe lado a lado a **mestiçagem** brasileira e a **feitizaria** do cego decifrador edipiano, resultando desse processo de mistura o que a autora nomeia como “mestiçaria”.

O próximo artigo, *Fortuna e tragédia – de Aristóteles para o cinema*, de Cintia Sacramento Aquino traz o pensamento antigo, o aristotélico, para a nossa atualidade e em nossa forma artística por excelência, que é o cinema. A autora tem como ponto de partida o filme *Match Point*, escrito e dirigido por Woody Allen, para uma reflexão que, como bem lembra, remonta a uma reflexão filosófico-literária da *Poética*. Woody Allen lança de chofre, já no início do seu filme, a questão filosófica e moral formulada por seu personagem: “o homem que disse: ‘prefiro ter sorte a ser bom’, entendeu a vida profundamente. As pessoas temem ver como grande parte da vida depende da sorte. É assustador pensar que boa parte dela foge do nosso controle”. Essa provocação Woodyana, sublinha a autora está presente já na Antiguidade, na *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles: “algumas pessoas acreditam que viver bem é precisamente a mesma coisa que ter uma vida afortunada”. A autora explora ainda, em sua discussão, a antítese antiga *týkhe* (fortuna) e *tékhne* (técnica, arte ou ciência humana) e a indagação sobre a determinação dos elementos dessa antítese para uma vida mais afortunada. Woody Allen recontextualiza essa antiga antítese, em nossa sociedade atual. No entanto, em sua mimese fílmica, ele soluciona a antítese com o apagamento de um de seus elementos, a *tékhne*.

Em *Notas sobre a narrativa de viagem na literatura grega*, Rosana Baptista dos Santos analisa a narrativa de viagem na literatura grega antiga, apontando similitudes e, sobretudo, diferenças delineadas na sua forma épica, em *Odisseia*, atribuída a Homero, e sob o viés cômico, em *Paz* e *Aves* de Aristófanes. A similitude, verificada pela autora, encontra-se na apresentação exemplar dos elementos constitutivos da

viagem utópica, perfeita, de natureza exitosa. As narrativas de viagem de Aristófanes distinguem-se, como é natural, por sua natureza cômica na representação do herói comum em comparação ao épico Ulisses. O comediógrafo explora um personagem comum, mas com manias, com liberdade de ação, convertida em liberdade de sonhar, de evadir-se pela fantasia e pela utopia – como o é aquela analisada por Mill e expressa literariamente por Suassuna. Os motivos da viagem, se na *Odisseia* é o retorno à origem e recuperação da identidade do herói como rei de Ítaca, Santos verifica ser, em *Paz* e *Aves* respectivamente, a resolução da guerra ateniense, e sua consequência na escassez de alimentos e a procura de uma terra feliz, inumana, como aquela dos pássaros. Os obstáculos da viagem não são experienciados de forma heroica em Aristófanes, mas traduzidos em questões pragmáticas e comezinhas. Enfim, a autora desse artigo objetivando apontar a transformação da épica homérica para a comédia de Aristófanes, elenca as várias similitudes e distinções entre tais narrativas de viagens.

Encerrando a seção de artigos, contamos com a contribuição de Martin Reyes da Costa Silva com *A decisão de Aquiles: intensidade dramática e narrativa na Patrocleia*. A Patrocleia, marca do canto XVI da *Ilíada*, aborda os feitos e a morte de Pátroclo e o conflito entre as ações dos deuses e as dos homens no destino. Notamos que esse conflito, com distinções próprias, apresentou-se também no centro do debate do artigo anterior, sob as noções de fortuna ou sorte (ação dos deuses e ação humana). O Canto XVI tem como eixo a condição precária do humano frente aos deuses, que resulta no destino trágico dos heróis. No entanto, o destino ganha complexidade nesse Canto que, de acordo com Reyes, também mantém contínua a intensidade dramática na narrativa, dando a leitor a possibilidade de antever, na saga de Pátroclo, o quanto o seu destino e a sua morte entrelaçam os destinos e o fim funesto de Aquiles e Heitor, por mais divinos e grandiosos que se apresentem.

Terminada a seção de Artigos, prosseguimos com a de Tradução. Desde 2013, nossa revista contou com a publicação de artigos de colaboradores estrangeiros, com as devidas traduções, a fim de que leitores não familiarizados com uma língua estrangeira – no caso, a francesa – pudessem ter acesso a tais estudos. Em 2014, foi criada oficialmente a seção dedicada à tradução em nossa revista. É formato comum encontrarmos seções de traduções, sobretudo da área de Letras, que se dedicam, muitas vezes, não a tradução em si mesma, mas ao debate das traduções ou aos estudos tradutológicos. Optamos, no entanto, por reservar tal seção de *A Palo Seco*, para publicações não acerca de traduções, mas abrigar traduções diretas dos próprios textos filosóficos e literários, quer sejam traduções de textos ainda inéditos no Brasil ou novas traduções de textos já conhecidos.

Assim, contamos nessa seção com a contribuição de 5 tradutores. A primeira tradução, a *Nemeia 7*, de Píndaro, importante poeta lírico grego, na versão de Roosevelt Rocha, é a primeira tradução em língua portuguesa de que se tem notícia. Em *Nemeias*, Píndaro dedica suas odes aos atletas vitoriosos nos diversos jogos da antiga Grécia. O tradutor, em sua nota explicativa, levanta os problemas de interpretação desse texto de Píndaro. Sobre a Ode traduzida, Roosevelt alerta que Píndaro a dedicou a um jovem atleta ainda sem fama e por isso o conteúdo do poema apresenta vários mitos, talvez, com a finalidade de preencher a falta de vitória digna a ser mencionada numa canção de celebração, como o epinício.

A seguir encontramos duas traduções de obras de Fulgêncio, escritor latino de transição – final da Antiguidade tardia e início da Idade Média. Tais textos fazem parte de um projeto maior de tradução das obras completas do autor na Universidade Federal da Bahia, sob a direção de José Amarante. Fulgêncio é um autor pouco conhecido ainda no Brasil, mas elucidativo para se entender a transição entre o paganismo e o cristianismo, nos deixando conhecer a visão cristã sobre o mundo antigo. Segundo os tradutores, “notadamente, no caso das *Mitologiae*, uma leitura cristã dos mitos pagãos, que resulta na perspectiva de uma humanidade regenerada”, perspectiva observada em *Unde idolum* (Sobre a origem dos ídolos), na tradução do texto de Fulgêncio por Sílvio Bernal e José Amarante. Outra tradutora envolvida no projeto de tradução das obras de Fulgêncio é Shirlei Almeida, que apresenta extratos selecionados de *Expositio*

*Sermonum Antiquorum* (Elucidação dos termos antigos). Uma espécie de enciclopédia que permite, aos leitores da Idade Média, o acesso e compreensão da cultura clássica, no que diz respeito aos seus temas, costumes e autores.

Para encerrar esse número, apresentamos a tradução de poemas da obra *Todo Risco, o Ofício da Paixão*, do poeta baiano Damário da Cruz, pela espanhola María Luz García Lesmes. A tradutora se dedicou à tradução da obra do poeta nos últimos 3 anos, apresenta os problemas de se saber reconhecer os elementos culturais das línguas trabalhadas, assim como elementos constitutivos da poesia (*melopeia, fanopeia, logopeia*) para o êxito de uma tradução-versão que dê conta das semelhanças e diferenças entre o português e a língua espanhola. Para a tradutora, nos poemas de Damário, o trato com a polissemia e os jogos de palavras se misturam ao universo cultural do Recôncavo Baiano, “o ritmo dos versos evoca, às vezes, a musicalidade da frase rápida, cortada, quebrada e circular, como cantada em um samba de roda”. Finalizamos assim este sétimo número de *A Palo Seco*, que almeja continuar como um abrigo para os diálogos entre a filosofia e literatura.

Maria A. A. de Macedo